FAROL DA OPOSIÇÃO

Edição nº 125 | 27.10.2026 - Publicação semanal do Instituto Teotônio Vilela e do PSDB

Uma bomba pronta para estourar no próprio colo

- A situação do país não era confortável antes da campanha eleitoral. Terminou bem pior depois do festival de irresponsabilidade exibido pelo governo reeleito no último domingo (25). **Há uma bomba armada pelo vencedor para estourar no seu próprio colo**.
- **Há muito tempo não se via um vale-tudo como o da disputa recém-concluída**. Entrou de tudo no balaio: uso deslavado da máquina pública em favor do candidato da situação, desvirtuamento das instituições e um processo eleitoral eivado de interferências indevidas.
- O presidente reeleito tem uma conta extensa de promessas feitas a seus eleitores a honrar a partir de janeiro. Muitas se assemelham a terreno na lua. Se ele não cumprir o que prometeu, o que é bem provável, **o país terá sido vítima de um estelionato eleitoral** – mais um na extensa lista do partido vencedor.
- O pacote de medidas desesperadas para que o incumbente e seu partido alcançassem o êxito que almejavam **supera a casa de centenas de bilhões de reais**. É dinheiro que certamente vai faltar para combater a bandidagem, diminuir filas nos hospitais ou ofertar ensino com alguma qualidade.
- **A lista é extensa, mas vale ser registrada, para ser cobrada**: aumento do Bolsa Família e reajustes acima da inflação para aposentadorias e benefícios sociais; perdão de dívida de MEI; Pix de R$ 5 mil "na faixa" para pequenos empreendedores; ônibus de graça nos fins de semana; canetas emagrecedoras para quem quiser; bolsa para universitários que simplesmente não matarem aula; desoneração de combustíveis; mais dinheiro para moradia; renegociação de dívidas...
- **Essa gastança populista e eleitoreira imporá mais sacrifícios ao povo**, a despeito de a retórica do partido vencedor sustentar o contrário. A partir da vitória do presidente reeleito, há mais (e não menos) juros altos, mais (e não menos) endividamento e mais (e não menos) inflação no horizonte da vida dos brasileiros.

- Para o país não sucumbir de vez nos próximos quatro anos, serão necessárias medidas duríssimas para colocar o país e as contas públicas em ordem. Do contrário, **o que se avizinha é um caos econômico** que só deve ter paralelo no descalabro do segundo mandato de Dilma Rousseff, encurtado em meio à maior recessão da nossa história.
- Em vários aspectos, **o atual presidente chega ao fim de seu terceiro mandato com um país pior do que recebeu** – por mais calamitosa que tenha sido a gestão de Jair Bolsonaro (2019-2022) nas mais diferentes searas.
- Há mais de 80 milhões de brasileiros endividados. Há milhares de empresas com contas em atraso e à beira da falência. E há **montanhas de dinheiro dos pagadores de impostos indo para o ralo** só para rolar uma dívida pública cada vez mais onerosa à sociedade brasileira.
- **O país gasta hoje R$ 1,2 trilhão com juros**, quase o dobro, já descontada a inflação, em relação ao que gastava em fins de 2022 – foi a despesa do governo que mais cresceu, passando a consumir quase 30% do orçamento público.
- A dívida pública explodiu mais 12 pontos do PIB, para o maior patamar desde a pandemia. Em consequência, **o brasileiro paga hoje o maior juro real do planeta** e o mais alto desde a recessão de 2015-2016.
- Tudo o que o presidente reeleito e seu partido prometeram nesta eleição **diverge do caminho virtuoso que o país precisará seguir** para voltar ao prumo. É ilusório esperar, em sã consciência, que irão reorientar-se para a direção correta: a farsa da "frente única", se alguma vez enganou alguém, agora não engana mais.
- **94.488.847 eleitores não sufragaram o candidato vitorioso** na votação em segundo turno. É sinal mais do que evidente da insatisfação dos brasileiros. O papel da oposição é representar dignamente estes cidadãos. É um dever cívico e um compromisso democrático, até para evitar que a voga de irresponsabilidade que só fez se aprofundar nesta eleição se instaure de vez e leve junto, de uma vez por todas, o futuro da nação.

Um país em desalento

- **A eleição concluída no domingo (25) carregava em si um germe de mudança** que acabou por não se confirmar integralmente. Apesar da transformação radical de perfil de governos regionais e do Congresso Nacional, o poder federal continua com quem manda no país há praticamente 20 anos ininterruptos.
- Diante disso, é importante auscultar o ânimo com que os brasileiros foram às urnas – até para projetar o que aguarda o governo reeleito a partir de agora. Pesquisa divulgada pelo Datafolha na sexta-feira (23) ajuda a aferir como a população se sente atualmente. **O retrato colhido é desanimador**.
- Entre os entrevistados (foram ouvidas 2.520 pessoas em todo o país), 54% se sentem desanimados ao olhar para o Brasil do presente; 42% manifestam-se "com raiva" e 48% têm "medo do futuro".
- A tristeza é o sentimento predominante entre os brasileiros: 54% se sentem assim atualmente, ante 43% que se declaram felizes. Para cada cidadão que se diz seguro, dois (62%) manifestam o contrário: insegurança ao olhar para o país atual.
- As séries históricas da pesquisa do Datafolha mostram que **o desalento não começou agora**. Desde 2018, predominam o desânimo, a tristeza e a sensação de insegurança. Agora, pelo menos, há mais esperança do que medo, sempre conforme o instituto.
- Os entrevistados também manifestaram que suas prioridades para o governo eleito devem ser, nesta ordem: combater a violência (25%) e diminuir os impostos (24%), acompanhados de geração de empregos e prioridade à educação (17%).
- Uma nação de imensas potencialidades como **o Brasil não merece continuar vivendo olhando para baixo**. O humor manifestado pela população e capturado pelo Datafolha deveria servir para os vencedores da eleição deste ano trabalharem arduamente para uma real mudança: tornar o país um lugar melhor para se viver.



FAROL DA OPOSIÇÃO

Compartilhe e **faça parte** da **comunidade** que **acredita** que a política **deve servir** ao cidadão.

PSDB – psdb.org.br • @psdboficial

ITV – itv.org.br • @itvnacional

ITV Instituto Teotônio Vilela PSDB